

## EDITORIAL

C  
aras leitoras, caros leitores,

Chegamos à trigésima quinta edição da *Revista de Italianística*, do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas da Universidade de São Paulo. Mais uma vez, o número que encerra o ano é dedicado aos estudos linguísticos da área de Italianística e reúne trabalhos desenvolvidos por docentes e pesquisadores de várias regiões do Brasil e do exterior, que se dedicam à língua italiana e ao seu ensino. Os artigos do número que apresentamos agora, por um lado, aprofundam questões históricas colocadas em relação com o nosso presente; por outro, observam aspectos linguísticos que podem abrir novas perspectivas para um melhor entendimento da língua e para uma reflexão, sempre em desenvolvimento, sobre o ensino e a aprendizagem do italiano, com especial atenção para os aprendizes brasileiros.

Esta edição se inicia com dois artigos que se debruçam sobre a realidade do ensino de italiano na escola pública brasileira e conectam pesquisas com documentos históricos, entrevistas e testemunhos dos que operam nesse contexto. Nessa leitura, é possível conhecer melhor o que leva à situação que constatamos atualmente: embora esteja previsto pela legislação (a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 que garante a possibilidade de escolha da língua estrangeira pela comunidade escolar), o ensino de italiano nas escolas públicas ainda é muito raro. Esse fato merece atenção, uma vez que o italiano é uma das principais línguas da imigração no Brasil, sendo, portanto, aspecto essencial na constituição da subjetividade e da identidade de muitos brasileiros.

Em “A língua italiana e a escola como espaços simbólicos de disputa no início do século XX: implicações políticas, sociais e culturais”, **Deise Cristina de Lima Picanço e Maria Inês**

**Carvalho Correia (Universidade Federal do Paraná)** tratam dessa questão, focalizando a situação de Curitiba, no Paraná, e mais especificamente a do Colégio Estadual do Paraná no início do século XX. A pesquisa documental verificou que o italiano esteve nos programas das escolas públicas de 1929 a 1931, para depois sair sem nunca ter tido, de fato, professores contratados. Por isso, as autoras consideram a presença do italiano na educação pública brasileira, na verdade, *ausente* e buscam explicar isso pensando, por um lado, na divergência entre os imigrantes e na falta de uma língua comum a todos e, por outro, no processo de branqueamento e incorporação do Outro da sociedade brasileira.

Também **Carolina Pizzolo Torquato (Universidade Federal de Santa Catarina)** apresenta uma reflexão que, em alguma medida, vai em uma direção parecida à do artigo anterior, lembrando as mesmas questões que dizem respeito à relação entre as línguas estrangeiras e a escola brasileira. Em seu artigo “O italiano na escola pública: conflitos históricos em Santa Catarina”, a autora expõe com clareza sua pesquisa em torno das questões que se colocam para quem deseja entender o quadro linguístico da imigração italiana no Brasil, focalizando, em especial, as peculiaridades do Estado de Santa Catarina, mas apontando para as similaridades com outros Estados brasileiros. A autora questiona a escassa presença do italiano no ensino público brasileiro, mesmo em regiões de tão forte imigração, mas vai além, perguntando também qual deveria ser o papel dos dialetos italianos, de fato, a ‘língua’ que os imigrantes falavam quando de sua chegada.

Passando agora do Brasil à Itália, mas permanecendo no âmbito da escola pública, temos a pesquisa de **Stefania Ferrari (Università di Verona)** e **Greta Zanoni (Università di Bologna)**. O artigo, intitulado “*Fare pragmatica nella scuola primaria: uno studio esplorativo sulle richieste*”, ilustra um estudo, de caráter exploratório, que as pesquisadoras realizaram em uma escola com crianças de 8-9 anos. Inserida no âmbito da Pragmática linguística, a pesquisa investiga o ato de fala do pedido, não apenas para verificar de que forma é produzido pelas crianças e com quais sequências interacionais, mas também para observar a capacidade das crianças de refletir sobre as variadas formas de “dizer a mesma coisa”, comparando diferentes usos linguísticos. Entre os objetivos do trabalho, está o de fornecer indicações para o desenvolvimento de materiais didáticos que possam ser utilizados nas escolas a fim de estimular a competência comunicativa e pragmática.

Os outros artigos que compõem este número da revista dedicam-se a questões mais estritamente relacionadas à língua italiana, embora a ligação com o ensino esteja sempre presente.

Isso fica particularmente evidente no artigo “Particularidades do *Imperfetto* no livro didático de italiano L2 *Nuovo Espresso 2*” de **Leandro V. Carneiro** e **Fernanda S. Muller (Universidade Federal do Ceará)**, no qual os autores analisam o funcionamento do *imperfetto* na língua italiana, expondo considerações a respeito de classe verbal, tempo e aspecto. São identificadas como principais as funções iterativa, descritiva e narrativa, passando-se depois a observar como o tema é tratado em um dos livros didáticos mais utilizados para o ensino de

italiano no Brasil. Entre as conclusões a que os autores chegam está a seguinte: enquanto as funções iterativa e descritiva são apresentadas com textos e atividades que propiciam reflexão e uso, a função narrativa do *imperfetto* não é levada em conta no manual. Isso produz uma ausência de parte dos valores do tempo verbal examinado, podendo gerar problemas no ensino e na aprendizagem do italiano L2.

Já no artigo de **Paula Garcia de Freitas (Universidade Federal do Paraná)** “A semântica do ‘futuro no passado’ em língua italiana” são explicitadas as relações de sentido da estrutura verbal que forma a noção de ‘futuro no passado’, expressa em italiano com o *condizionale passato*. Com muitos exemplos, a autora apresenta suas peculiaridades, contextualizando-as primeiramente nas relações estabelecidas entre os momentos do acontecimento, da enunciação e de referência, para depois tratar da forma e de como é utilizada em língua italiana. O estudo contribui para uma melhor compreensão da estrutura – uma das mais complexas para aprendizes brasileiros de italiano – pois, analisando as relações semânticas que se estabelecem, pretende oferecer um instrumental mais amplo de reflexão e assim facilitar também a aprendizagem.

**Annita Gullo e Luciana de Genova (Universidade Federal do Rio de Janeiro)** se dedicam em seu artigo “O *romanesco* no cinema italiano do pós-guerra” a um estudo sobre a variedade dialetal urbana de Roma. Verificar de que forma aparece no cinema a complexa arquitetura do italiano – com as diferenças entre o italiano padrão (italiano standard), as variedades regionais e os dialetos – é um dos objetivos do trabalho, no qual as autoras escolheram o cinema como *corpus* de pesquisa. Foram selecionados três filmes italianos de diferentes épocas (*Roma città aperta*, 1945, Roberto Rossellini; *Il sorpasso*, 1962, Dino Risi; *Viaggi di nozze*, 1995, Carlo Verdone) e o estudo, partindo da transcrição dos diálogos dessas obras, buscou relacionar o uso do *romanesco* com as variações diafásicas e diastráticas representadas, observando, inclusive, as mudanças acontecidas ao longo do tempo.

Além das questões gramaticais no ensino, este número da *Revista* traz considerações sobre o ensino do léxico com a contribuição de **Susana Termignoni e Maria José B. Finatto (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)** que escrevem “Sobre a importância de ensinar Expressões Idiomáticas”. O artigo aborda a Fraseodidática, ou didática da Fraseologia, campo dos Estudos do Léxico onde se inserem as expressões idiomáticas. Tais combinações lexicais são “osso duro de roer” no processo de ensino/aprendizagem de qualquer língua estrangeira. As autoras demonstram que é possível por meio das expressões idiomáticas ensinar uma língua e uma cultura de forma expressiva e criativa. Em especial, concentrando-se no par português brasileiro/italiano, as autoras trazem exemplos e reflexões sobre como as expressões idiomáticas podem entrar no processo de ensino e aprendizagem da língua italiana no Brasil.

Continuando com os Estudos do Léxico e fechando a revista, o trabalho de **Benilde Socreppa Schultz (UNIOESTE-Cascavel)** descreve relações históricas entre o italiano e o português. Partindo de uma pesquisa de fôlego sobre empréstimos do português na língua italiana realizada pela autora que investigou obras de viajantes italianos dos séculos XVIII e XIX, o artigo “O léxico do português sob o olhar de Gaetano Osculati: elementos da fauna

e flora” traz detalhes da extraordinária viagem desse cientista pelo Rio Amazonas e, após ter recolhido as ocorrências, registra e classifica as unidades lexicais referentes a elementos da fauna e flora, inseridas no relato do viajante italiano, trazendo à tona as relações entre o nomear e o narrar. Uma análise mais detalhada mostra que o empréstimo, para além de revelar as relações entre duas línguas, transmite a carga cultural, o saber e a força expressiva de quem narra.

É uma enorme satisfação oferecer à comunidade científica e docente estudos que podem estimular novas pesquisas e servir de incentivo para uma constante renovação da prática no ensino do italiano e na produção de conhecimento. Agradecemos a todos que contribuíram para que esta revista pudesse ser feita: aos autores que nos confiaram seus trabalhos, aos colegas revisores que doaram seu tempo e sua sabedoria para garantir a excelência da Revista, aos alunos que colaboraram na realização de tarefas indispensáveis para manter a qualidade do resultado final.

Como de costume, desejamos a todas e todos uma boa leitura!

Angela M. T. Zucchi e Elisabetta Santoro  
Organizadoras do número XXXV da *Revista de Italianística*